

FAZER TUDO PARA A GLÓRIA DE DEUS... FANTASIA OU REALIDADE?



"Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam **para a glória de Deus**. Não ofendam nem os judeus, nem os gentios, nem a igreja de Deus." (1Coríntios 10.31-32 – Nova Versão Transformadora)

No contexto da passagem bíblica acima, o apóstolo Paulo faz uma advertência aos cristãos em Corinto. Ele alerta para o fato de que a demonstração de liberdade pessoal, feita de forma

indevida, libertina, sem regras, pode provocar a decadência espiritual, e até mesmo colocar em risco a experiência cristã de alguém. Em razão disso Paulo orienta os cristãos em Corinto a não comerem nos templos pagãos, devido ao perigo da idolatria. A maioria dos templos tinha a própria sala de jantar, e o povo era convidado para participar de refeições oferecidas ali (cf. 1Coríntios 8.10). A carne servida nessas refeições obviamente já teria sido oferecida a ídolos. Por isso um apelo lhes é feito para que pensem mais sobre o assunto. Em seguida Paulo explica como agir em meio ao pluralismo religioso existente na época. Para ele, o importante não é o que “convém”. Mas se a nossa atitude como cristão pode ser considerada um ato construtivo, ou seja, se ela contribui para o nosso crescimento espiritual ou de outros. Em seguida o apóstolo fornece parâmetros amplos para a atuação dos cristãos na sociedade. Primeiro (v. 31), não importa o que o cristão fizer, seja comer, beber ou qualquer outra ação, deve **fazê-lo para a glória de Deus**. Segundo (v. 32), nem *judeus* [religiosos, mas não convertidos], nem *gregos* [não religiosos e não convertidos] e nem a *igreja* [organismo resultante da fé em Cristo], poderiam ser levados a tropeçar por causa das ações de um cristão.

No texto bíblico, para o verbo “fazer”, o apóstolo Paulo utiliza o vocábulo grego ποιέω (*poiéō*) que significa “*meio de expressar por atos os sentimentos e pensamentos*”. Normalmente o verbo é utilizado para expressar a ideia de “*produzir, criar, causar*” coisas boas. Tal ato envolve nossa conduta consciente no dia a dia. Em outras palavras, toda expressão de comunicação que emitimos – seja ela verbal ou não verbal – deve ter como objetivo primordial, a projeção da glória de Deus. Para o substantivo “glória”, o apóstolo utiliza o vocábulo grego δόξα (*dóxa*), que se refere ao “*esplendor, brilho e majestade no sentido da perfeição absoluta da divindade*”¹. O termo é usado em atribuições de louvor e honra a Deus como supremo governador.

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 644 p.; STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

O escritor e professor de teologia norte-americano Charles Caldwell Ryrie (1925–2016) definiu a glória de Deus como *“a manifestação de qualquer dos seus atributos. Em outras palavras, é a manifestação de Deus ao mundo. Assim, as coisas que glorificam a Deus são coisas que mostram as características de seu ser para o mundo”*. Sendo assim, como podemos manifestar Deus ao mundo de modo que Ele seja glorificado? Como podemos dar sinais da presença divina em mundo marcado por pessoas que só amam a si mesmas e ao dinheiro? Que são arrogantes e orgulhosas? Que zombam de Deus, desobedecem a seus pais e são ingratas e profanas? Como fazer Deus ser percebido entre pessoas que não têm afeição nem perdoam; caluniam outros e não tem autocontrole? Que são cruéis e odeiam o que é bom, traem os amigos, são imprudentes e cheias de si e amam os prazeres em vez de amar a Deus (cf. 2Timóteo 3.2-4)? A resposta está em um dos muitos ensinamentos deixados pelo Senhor Jesus Cristo aos Seus seguidores:

“Vocês são a luz do mundo. É impossível esconder uma cidade construída no alto de um monte. Não faz sentido acender uma lâmpada e depois colocá-la sob um cesto. Pelo contrário, ela é colocada num pedestal, de onde ilumina todos que estão na casa. Da mesma forma, suas boas obras devem brilhar, para que todos as vejam e louvem [glorifiquem] seu Pai, que está no céu.” (Mateus 5.14-16 – Nova Versão Transformadora)

De acordo com o Senhor Jesus Cristo, a glória de Deus será vista e percebida quando nossas obras brilharem. Para o verbo “brilhar” o texto bíblico em grego utiliza o vocábulo *λάμπω (lámḗ)*, que significa *“resplandecer como tocha”*². Não se trata de um brilho qualquer. Refere-se a uma qualidade de luz que cause impacto à vista de todos e faça com que as demais coisas ao redor percam em significados. Por isso que, para o verbo “ver”, o escritor bíblico utiliza o vocábulo grego *ἴδω (idō)*, que significa *“voltar os olhos, a mente, a atenção a algo”*³.

Portanto, **fazer tudo para a glória de Deus** é expressar por meio de quaisquer atos, sentimentos e pensamentos que produzam coisas boas. É gerar ações que causem impacto em todas as pessoas – cristãs e não cristãs – fazendo com que elas voltem os olhos, a mente e o coração ao reconhecimento do esplendor e da majestade de Deus, pelo fato de perceberem a manifestação divina [isto é, os atributos comunicáveis]⁴ nas obras daqueles que professam o Seu nome.

Mas se deixarmos de lado nossos modelos eclesiológicos de perfeição ou excelência – que só existem em nossa imaginação – e atentarmos para a realidade cristã hodierna, a definição contida no

² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 945 p.

³ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

⁴ **Atributos comunicáveis** são qualidades de Deus que constituem o que Ele é e que se encontram, de maneira limitada e em sentido relativo, também no homem. São eles: inteligência, vontade, sabedoria, bondade, justiça, santidade, ira [contrária à injustiça], amor, misericórdia e paciência.

parágrafo acima é vista como expressão da realidade cristã ou pode ser traduzida como mera fantasia religiosa? Glorificar a Deus por meio de tudo o que temos e o que somos, é fato concreto em nossa vida ou é algo puramente ideal ou ficcional, sem ligação com a realidade?

Fazer algo **para Deus** e fazer algo **para a glória de Deus** são dois atos bem distintos. Observe com atenção o trecho bíblico abaixo:

"[1] *Adão teve relações com Eva, sua mulher, que engravidou. Quando deu à luz Caim, ela disse: 'Com a ajuda do SENHOR, tive um filho!'*. [2] *Tempos depois, deu à luz o irmão de Caim e o chamou de Abel. Quando os meninos cresceram, Abel se tornou pastor de ovelhas, e Caim cultivava o solo.* [3] *No tempo da colheita, Caim apresentou parte de sua produção como oferta ao SENHOR.* [4] *Abel, por sua vez, ofertou as melhores porções dos cordeiros dentre as primeiras crias de seu rebanho. O SENHOR aceitou Abel e sua oferta, [5] mas não aceitou Caim e sua oferta. Caim se enfureceu e ficou transtornado.* [6] *'Por que você está tão furioso?'*, o SENHOR perguntou a Caim. *'Por que está tão transtornado? [7] Se você fizer o que é certo, será aceito. Mas, se não o fizer, tome cuidado! ...'*" (Gênesis 4.1-7b – Nova Versão Transformadora)

Na passagem bíblica acima, tanto Caim como Abel ofertaram a Deus. Mas enquanto Caim simplesmente apresentou uma “*parte de sua produção*”, Abel “*ofertou as melhores porções dos cordeiros dentre as primeiras crias de seu rebanho*”. No final da apresentação a oferta de Abel foi aceita. Mas a oferta de Caim foi rejeitada. Por que? A resposta reside no fato de que Caim fez algo para Deus, enquanto Abel, ao oferecer o que possuía de melhor, fez algo para a glória de Deus. Caim foi rejeitado pelas suas obras, pelo seu comportamento, por deixar de fazer “*o que é certo*” (v. 7). Quando contextualizamos a ideia central dessa passagem bíblica para os nossos dias, ficamos, no mínimo, diante de algumas indagações. Os nossos cultos [as nossas ofertas] são **para Deus**?! Amém! Muito bem. Mas são... **para a glória de Deus**?! Quando nos apresentamos diante de Deus, o fazemos com **o que temos**, ou com **o melhor que temos**? A nossa devoção a Deus é fundamentada naquilo que aparentamos ser, ou naquilo que de fato somos? Quantos de nós têm orado a Deus e, com coração sincero, declarado: “*Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há em mim algo que te ofende e conduze-me pelo caminho eterno*” (Salmo 139.23-24)?

Muitos cristãos que se consideram “antenados”, atuais, modernos, entendem que pelo fato do mundo atual ser bem diferente daquele em que viveram os escritores bíblicos, nós precisamos apoiar as pessoas sem nos importar com o modo como elas se comportam. Para gente assim, o sincretismo religioso é um movimento impossível de não ser abraçado em virtude do contexto cultural em que estamos inseridos. Infelizmente, o pensamento atual e dominante em muitas igrejas ditas evangélicas é que, em tempos modernos, a Bíblia não pode mais ser vista como única e exclusiva fonte de autoridade doutrinária, afinal, como dizia o filósofo francês Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1788–1857), fundador da sociologia e positivismo, “*tudo é relativo; eis o único princípio*

absoluto”. Sendo assim, viva como quiser e seja feliz! Simplesmente faça para Deus, mesmo que o resultado não seja glória dEle. Contudo, o Evangelho de Cristo não é moda. O Evangelho de Cristo é vida!

Lamentavelmente várias igrejas deixaram de pregar a Palavra de Deus e preferiram anunciar um evangelho miscigenado, de conteúdo humanista e antropocêntrico, cujo objetivo final é a satisfação do cliente. No desejo de que a igreja cresça muitos pastores deixaram a direção do culto sob a responsabilidade de músicos e afins. O problema é que mediante canções estapafúrdias, bem como desprovidas de verdades bíblicas, a teologia cantada aos poucos foi mudando o conteúdo do culto, levando a igreja a uma percepção absolutamente equivocada de quem seja Deus, como também as verdades fundamentais à fé cristã. Nessa perspectiva as canções cantadas, os louvores entoados ou até as ministrações variadas são eminentemente focadas no brilhantismo humano em vez da glória de Deus.

A indústria do entretenimento tomou conta de inúmeras igrejas. Pastores e líderes têm entendido que o culto a Cristo, precisa ser mais *light*, menos pesado, com pregação positiva, além de proporcionar ao visitante a possibilidade de desfrutar de um ambiente com muita música, arte, teatro e shows. A consequência disso é que um número enorme de pessoas não foi confrontado pelo Evangelho e, conseqüentemente, não experimentaram a salvação em Cristo Jesus e não conheceram a glória de Deus.

Toda honra pertence exclusivamente a Deus e a ninguém mais. Mas será que estamos realmente preocupados com a manifestação da glória de Deus em nós e, posteriormente, através de nós? Glorificar a Deus não está relacionado somente aos nossos cultos, quando de mãos levantadas adoramos ao Senhor pelos seus benefícios. As Escrituras nos ensinam que toda a nossa vida deve servir de palco para exaltação do Senhor. Precisamos assumir o compromisso de honrar o nome de Deus nas esferas da ética pessoal, da família, da igreja, do trabalho, da cultura e da cidadania, refletindo a glória de Deus em tudo o que fazemos, em todo o tempo e em todos os lugares, até mesmo na forma como nos manifestamos nas mídias sociais.

Sigamos os mandamentos do Senhor Jesus, ratificados pelo apóstolo Pedro que, ao compor sua primeira epístola, escreveu: *“Procurem viver de maneira exemplar entre os que não creem. Assim, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, verão seu comportamento correto e darão glória a Deus quando ele julgar o mundo”* (1Pedro 2.12 – Nova Versão Transformadora). Que esta seja uma realidade na vida de todos nós. Mais que fazer algo para Deus, façamos algo para a glória de Deus!

Que o Senhor Jesus Cristo seja glorificado em nós e através de nós, *“pois todas as coisas vêm dele, existem por meio dele e são para ele. A ele seja toda a glória para sempre! Amém”* (Romanos 11.36). *Soli Deo Gloria.*